

# OS LUGARES E AS PAISAGENS COM REFERÊNCIA NO COTIDIANO DO ALUNO – EXPERIÊNCIAS DA PRÁTICA DE ESTÁGIO II

Juliana Dummer

Tutora Externa: Tereza Ness Rodrigues

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Licenciatura em Geografia (GED0082) – Estágio II

11/06/2013

## RESUMO

*O presente trabalho relata a experiência do Estágio II do curso de licenciatura em Geografia, realizado com uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Médio Professora Alaídes Schumacher Pinheiro, localizada no Município de Chuvisca, RS. Enquanto educadores, nós precisamos repensar, qualificar e desenvolver novas reflexões e ações pensando em metodologias de ensino que promovam a análise geográfica e que possibilitem fazer desta uma disciplina atraente. Foram escolhidas como área de concentração as Metodologias de Ensino e Aprendizagem de Geografia, e como tema a “Aprendizagem com referência no lugar do aluno”. Para tanto, as aulas desenvolvidas neste estágio trataram do conteúdo “O lugar e as paisagens – as transformações e a construção da identidade local e do espaço geográfico”, enfocando métodos de aprendizagem com referência ao lugar e à paisagem de vivência do aluno. A prática do Estágio II foi bastante satisfatória e empolgante, gerou resultados que mostraram ganhos cognitivos, mudanças de valores, além de um significativo envolvimento dos alunos com cada aula. Na busca pelo ir além, as atividades práticas, como a saída de campo, possibilitaram ainda desenvolver a capacidade de associação com fatos cotidianos, da comparação e compreensão do espaço além do concreto, ou seja, a compreensão do espaço real e do imaginável.*

**Palavras-chave:** Lugar. Paisagem. Cotidiano do aluno.

## 1 INTRODUÇÃO

Partindo da ideia de que a Geografia é uma ciência que tem por objetivo entender a sociedade através do espaço por ela produzido, entende-se ser importante que o educador desenvolva seu raciocínio geográfico partindo de uma análise do lugar onde o aluno está inserido. A metodologia de ensino voltada para a realidade possibilita compreender o mundo e suas relações, indo além da simples transmissão de conteúdos. Permite pensar e investigar o espaço e nele organizar-se.

Para William Vesentini (2004), o estudo do meio se insere como algo importantíssimo para evidenciar as relações da teoria com o real e, também, como contraponto à tentativa atual dos jovens de se voltarem mais para o monitor, para o computador, o vídeo e os jogos, que idealizam ou recriam a realidade. Segundo Castrogiovanni et al. (2012), em um tempo quando se fala tanto em globalização, a questão do lugar assume contornos importantes, pois é em lugares determinados, específicos, que esse processo se concretiza. Apesar da tendência de homogeneização de

todos os espaços devido ao movimento de globalização, temos grupos sociais, pessoas, que reagem de formas diferentes, fazendo com que cada lugar tenha marcas que lhe permitem construir a sua identidade, por isso a prática do ensino a partir do lugar se faz necessária. A necessidade de aproximar o ensino da realidade é tão premente na atualidade que, no Japão, as escolas são obrigadas por lei a realizar no mínimo um trabalho de campo – um estudo do meio, uma excursão, visita a fábricas etc., por semana (VESENTINI, 2004).

Para Braun (2005), a instituição escolar e o ensino de Geografia em pleno processo de globalização não podem descuidar do estudo do lugar de vivência do educando e realizar raciocínios geográficos que permitam entender a dinâmica da natureza e a expressão social do espaço global e local. Vesentini (1996) afirma ainda que o ensino de Geografia do século XXI deve focar criticamente a questão ambiental e as relações sociedade/natureza. Deve realizar constantemente estudos do meio (para que os conteúdos não sejam meramente teóricos e “livrescos” e sim reais, ligados à vida cotidiana das pessoas) e deve levar o educando a interpretar textos, mapas e paisagens. Nesta perspectiva, entende-se que deve haver uma reflexão não apenas da prática de sala de aula, mas também por parte da instituição escolar, no que diz respeito ao Projeto Político-Pedagógico, dos instrumentos didáticos e dos valores presentes na sociedade atual.

Cabe realçar que ao referendar o espaço local é necessário criar correlações globais de forma a não criar uma alienação do educando apenas ao seu espaço cotidiano. Na verdade, segundo Medeiros (2008), quando se fala em referências no lugar, está-se conjecturando que a educação tenha um significado maior para o educando ali inserido, que permita uma reflexão maior de sua realidade e possibilite a construção de novas estratégias para esta realidade,

e também permita que ele seja um cidadão deste lugar e do mundo onde este lugar está inserido. Pois segundo Freire (1999), todo o aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência da situação real vivida pelo aluno.

Assim, o presente trabalho relata a experiência prática do Estágio II, de acordo com a área de concentração e tema expostos no item 2, organizado para melhor compreensão em três encontros, nos quais se realizaram as cinco horas-aula, que estão relatadas no item 3. O item 4, por sua vez, traz algumas impressões a partir da experiência deste estágio.

## **2 ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A área de concentração escolhida para o Estágio II foram as Metodologias de Ensino e Aprendizagem de Geografia, cujo tema é “Aprendizagem com referência no lugar do aluno”, definido com base nas observações da turma e do professor e na consulta de livros e artigos, tais como: FREIRE, (1999), BRAUN (2005), VESENTINI (2004), PIRES (2006), MEDEIROS (2008), CASTROGIOVANNI et al. (2012), VERDUM et al. (2012), entre outros.

Enquanto professores, devemos estar preocupados com que nossos alunos recebam um conjunto de informações específicas e, assim, possam lidar com o conhecimento de maneira “aceitável” e cativante. Portanto, como educadores, precisamos repensar, qualificar e desenvolver novas reflexões e ações, pensando em metodologias de ensino que promovam a análise geográfica e que possibilitem fazer desta uma disciplina atraente.

Segundo Castrogiovanni et al. (2012), muitas vezes sabemos coisas do mundo, admiramos paisagens de cidades distantes, mas não sabemos o que existe e o que está

acontecendo no lugar em que vivemos. Além disso, compreender o lugar, em Geografia, significa entender o que acontece no espaço onde se vive, é uma possibilidade de se saber tanto o local quanto o global, pois segundo Castrogiovanni et al. (2012), ao mesmo tempo que o mundo é global, as coisas da vida e as relações sociais se concretizam nos lugares específicos.

Com base no que foi exposto, as aulas desenvolvidas neste estágio trataram do conteúdo “O lugar e as paisagens – as transformações e a construção da identidade local e do espaço geográfico”, enfocando métodos de aprendizagem com referência no lugar e na paisagem de vivência do aluno.

### 3 VIVÊNCIA DO ESTÁGIO

A prática de Estágio II foi realizada na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Alaídes Schumacher Pinheiro, localizada no município de Chuvisca, Rio Grande do Sul, com a turma de 6º ano do Ensino Fundamental. As cinco aulas de estágio II desenvolveram-se em três encontros consecutivos, totalizando cinco horas-aula.

No primeiro encontro, foram desenvolvidas duas aulas. A primeira teve como objetivo geral entender que cada lugar da superfície terrestre possui uma paisagem com características particulares, formada pela combinação dos diferentes elementos naturais e/ou culturais. Para tanto, o primeiro momento da aula iniciou com uma breve apresentação seguida de uma dinâmica na qual cada aluno deveria dizer um lugar do município que considera importante e/ou bonito, e um lugar do mundo que gostaria de conhecer. Os alunos deveriam dizer o porquê da escolha e a partir das escolhas alguns alunos foram convidados a localizar estes lugares no globo terrestre e/ou no mapa do município de Chuvisca (FIGURAS 1 e 2). A atividade proposta com o fim de “quebra gelo” e introdução ao tema da aula foi bastante

positiva, uma vez que tanto aqueles alunos que se mostraram num primeiro momento reprimidos, como aqueles um tanto dispersos e agitados, foram conquistados a partir da atividade e curiosos com o tema, ou seja, se mantiveram envolvidos com a aula. No segundo momento da aula, com apoio de figuras de diferentes lugares do município, região e do mundo, utilizou-se uma estratégia proposta por Dias (1993), que é a discussão em classe, instigando a contribuição informal de cada aluno, encorajando-os a desenvolver as habilidades de expressão oral e autoconfiança. Esta estratégia, além de proporcionar o envolvimento do aluno com o tema da aula, permite que o professor obtenha um diagnóstico preliminar do nível de conhecimento do aluno sobre o tema da aula. A primeira aula encerrou com a cópia de um texto e o encaminhamento de uma atividade extraclasse na qual o aluno deveria descrever e desenhar a paisagem do lugar do município, escolhida na dinâmica realizada no primeiro momento da aula.

FIGURA 1: ALUNA APONTANDO NO GLOBO TERRESTRE O LUGAR DO MUNDO QUE GOSTARIA DE CONHECER



FONTE: A autora

FIGURA 2: ALUNO APONTANDO NO MAPA DO MUNICÍPIO DE CHUVISCA O LUGAR QUE MAIS GOSTA NO MUNICÍPIO



FONTE: A autora

A segunda aula, que teve como objetivo geral compreender as transformações da paisagem por processos e fenômenos naturais, identificando o que são agentes naturais internos e externos, iniciou em seu primeiro momento com uma abertura e problematização do conteúdo com uma imagem de uma voçoroca de cerca de 140 metros, localizada em São Braz Alto, no município de Chuvisca, e do Grande Canyon, no Colorado – EUA. A partir das imagens, promoveu-se o desenvolvimento do conteúdo sobre a ação da natureza na criação de outras paisagens, no primeiro caso, da ação de um agente externo, a erosão pluvial, sem, é claro, entrar, neste momento, no mérito da ação social local, na aceleração deste processo. Esta atividade comprovou mais uma vez que o ensino que parte do lugar do aluno torna-se um potencializador da aprendizagem, um instrumento de interesse na realidade cotidiana dele e que potencializa o seu aprendizado, isto é, muitos conheciam o local mostrado na foto, mas desconheciam a razão pela qual a erosão existia. Outros moravam próximo, mas não haviam percebido a paisagem. A curiosidade dada pela proximidade da aula à realidade local mostrou uma aprendizagem mais eficaz, comprovada posteriormente nas atividades avaliativas. No segundo momento da aula, foi feita a observação de figuras exemplificativas

e a cópia de um texto sobre os agentes naturais internos e externos, bem como a realização de uma atividade complementar sobre o *Monument Valley*, baseada em Pires (2006, p. 42).

No segundo encontro, foram recolhidas as atividades da primeira e segunda aulas e desenvolvidos os planos de aula três e quatro. A terceira aula teve como objetivo geral compreender que ação da(s) sociedade(s) humana(s) transforma(m) as paisagens terrestres e atua(m) na construção do espaço geográfico, verificando que os seres humanos ocupam, praticamente, quase todas as paisagens existentes na superfície terrestre. O primeiro momento desta aula foi composto pela abertura e problematização do conteúdo com a letra da música “Sobradinho”, da dupla Sá e Guarabyra, de 1977, que fala sobre o avanço das construções das hidrelétricas sobre o Sertão e, assim, das várias cidades que estão sumindo com o avanço das águas represadas. A partir da visualização do vídeo da música “Sobradinho” foi realizada a discussão, a partir das seguintes questões: qual é o problema retratado pela música “Sobradinho”? O que os autores da música querem dizer quando cantam “adeus Remanso, Pilão Arcado, Serro Sé, [...] o Sertão que vai virar mar, dá no coração o medo de que algum dia o mar também vire sertão”? Você acha que isso pode acontecer em Chuvisca? Você conhece uma barragem próxima a Chuvisca? Quem sabe dar um exemplo de modificação da paisagem pela sociedade no nosso município?

Este primeiro momento da aula se encerrou com a cópia de um texto e explicações como recurso, de figuras em slides sobre o papel do trabalho e dos avanços da técnica no processo de construção do espaço geográfico, de paisagem cada vez mais alterada pela ação social, resultando no fato de existirem cada vez menos paisagens com dinâmicas que poderiam ser concebidas como naturais. Cabe destacar aqui a intervenção de uma aluna durante a



aula:

*“Professora, um dia desses chegou uns caras na minha casa,... o carro deles tinha placa da Bahia e eles tinham GPS. Eles pediram para o meu pai para instalar uma torre de energia no meio de uma das nossas lavouras de fumo. O meu pai aceitou, nós ganhamos um dinheiro, mas perdemos a lavoura. Tivemos que tirar o fumo da lavoura,... eles já cavaram muitos, muito longe para dentro do chão”.*

A partir desta intervenção, pode-se mediar uma reflexão sobre os avanços da técnica, benéficos à sociedade, mas que também podem agredir o ambiente. Questões como: o que aconteceria se esta empresa de energia passasse a instalar várias torres pelo município todo? O que tem a ver o grande número de paisagens modificadas por este tipo de intervenção social, com os avanços da tecnologia? De que forma a introdução de novos elementos nas paisagens pode descaracterizar a identidade do lugar?

No segundo momento da terceira aula, foi feita a aplicação de uma atividade sobre o papel da técnica na transformação das paisagens do meu lugar. Para tanto, fez-se o uso de imagens relacionadas à realidade local. Utilizaram-se na atividade figuras retratando o preparo do solo para o cultivo de forma manual e com maquinário. Chuvisca é um município essencialmente rural, do total de 4.994 habitantes, somente 273 são residentes na área urbana, e 4.671 na área rural. Além disso, a principal atividade econômica é o cultivo de tabaco, seguido do milho (DUMMER, 2011).

A quarta aula teve como objetivo geral verificar que o modo de vida dos povos pode ser identificado pelas paisagens, compreendendo o que é identidade cultural do lugar a partir da paisagem desse município. No primeiro momento desta aula, foram feitas algumas explicações a partir da visualização de imagens que retratam as marcas da técnica

e das culturas dos povos nas paisagens, e a identificação dos elementos que mais se destacam, procurando determinar a identidade do lugar. No segundo momento da aula, foi realizada uma saída de campo próximo à escola, em um ponto alto do relevo que dá vista para toda a área urbana do município, possibilitando trabalhar algumas questões, como: Quais são os elementos mais frequentes na paisagem da minha cidade? Qual é a identidade de Chuvisca? Quais são as marcas de transformações na paisagem da minha cidade? Essas transformações são naturais ou culturais? Quais seriam os exemplos de modificações da paisagem feitas pela sociedade local no meu lugar (município de Chuvisca)? Você consegue identificar um elemento desta paisagem que exemplifique o avanço da técnica e a transformação das paisagens? Nesta atividade, alguns alunos destacaram como exemplo dos avanços das técnicas e a modificação da paisagem uma casa construída recentemente e em altos padrões, diferente da maioria das demais casas no município (FIGURAS 3 e 4).

FIGURA 3: ALUNOS A CAMINHO DE UM PONTO ALTO DENTRO DA SEDE DO MUNICÍPIO PARA ANALISAR A PAISAGEM EM PRÁTICA DE CAMPO



FONTE: A autora

FIGURA 4: FOTO COM TODOS OS ALUNOS DO 6º ANO DURANTE A PRÁTICA DE CAMPO



FONTE: A autora

O terceiro e último encontro do estágio compreendeu a realização do quinto plano de aula, que teve como objetivo verificar o aprendizado dos alunos a partir de prova dissertativa individual com consulta, abrangendo questões centrais do que foi trabalhado nas quatro aulas anteriores. A prova foi composta, principalmente, por questões a partir de textos sobre modificações na paisagem local, como a duplicação da BR-116 e questões dissertativas que incentivassem os alunos a descreverem e refletirem sobre modificações nas paisagens do município de Chuvisca.

#### 4 IMPRESSÕES DO ESTÁGIO

A prática do Estágio II foi bastante satisfatória e empolgante, tanto para mim enquanto professora, como para os alunos. Houve um grande sucesso e aceitação unânime dos alunos quanto às atividades desenvolvidas nas cinco aulas. Os resultados obtidos nas avaliações feitas no decorrer das aulas mostraram ganhos cognitivos, mudanças de valores, além de um significativo envolvimento dos alunos com cada aula. Mais uma vez, confirma-se que o desafio do professor de Geografia é possibilitar condições para que seus alunos construam conhecimento, não forçá-los a reproduzir conhecimento e conceitos prontos. Reafirma-se a ineficácia de se ensinar apenas transmitindo conceitos definidos do livro ou

elaborados pelo próprio professor, como sendo a base no processo de aprendizagem. Os conteúdos da área do conhecimento são fundamentais, mas eles são potencializados pelas problemáticas e análises construídas no decorrer do cotidiano dos alunos.

Finalmente, na busca pelo ir além, propiciando situações estimuladoras, fazendo uso de atividades práticas, como a saída de campo, conseguiu-se desenvolver a capacidade de associação com fatos cotidianos, da comparação e compreensão do espaço além do concreto, ou seja, a compreensão do espaço real e do imaginável. Isto é, transformar a prática de campo em uma atividade onde a metodologia de incorporação de conhecimento é elaborada na busca de valorizar o lugar de vivência do aluno, ou seja, do seu cotidiano. Cabe destacar que houve uma proposta construída, estrategicamente, na busca de relacionar as atividades que foram formuladas com uma articulação entre si, de modo que, em conjunto, se integrassem para a execução dos objetivos de cada aula.

#### REFERÊNCIAS

- BRAUN, Ana Maria Swarowsky. **Rompendo os muros da sala de aula: o trabalho de campo como uma linguagem no ensino de geografia.** 161f. 2005. Dissertação de Mestrado. Instituto de Geociências – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano.** 10 ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: Princípios e práticas.** 2. ed. São Paulo: Gaia, 1993.
- DUMMER, J. **Voçorocas no meio rural: Um diagnóstico de processos erosivos**

no Município de Chuvisca-RS. (2011)  
Monografia de Conclusão de Curso.  
Universidade Federal de Pelotas. Pelotas-  
RS. 112p.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

MEDEIROS, Cristiane Vieira.  
**Aprendizagem com referência no lugar:**  
reflexões sobre a prática pedagógica nas  
escolas do meio rural de São Sebastião do  
Caí. 196f. 2008. Dissertação de Mestrado.  
Instituto de Geociências – Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

PIRES, Valquíria. **Construindo  
consciências:** geografia. 2 ed. São Paulo:  
Scipicione, 2006.

SÁ, Luis Carlos. **Sobradinho**. Indies  
Records, 1999, faixa 4. Disponível  
em: <[http://letras.mus.br/sa-  
guarabyra/356676/](http://letras.mus.br/sa-guarabyra/356676/)>. Acesso em: 16 mar.  
2013.

VERDUM, Roberto et al. **Paisagem:**  
leituras, significados e transformações.  
Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

VESENTINI, J. W. Realidades e  
Perspectivas do Ensino de Geografia  
no Brasil. In: VESENTINI, J. W. (Org.).  
**O Ensino de geografia no século XXI**.  
Campinas: Papirus, 2004.

\_\_\_\_\_. O Novo papel da Escola e do  
Ensino de Geografia na época da Terceira  
Revolução Industrial. **Revista Terra Livre**  
– AGB, São Paulo, n. 11-12, p.209-224,  
1996.

